

# AMATRA

## INFORMA

**Edição Especial**

Dia do Advogado Trabalhista:  
20 de junho



**Calheiros Bomfim:**  
uma vida dedicada ao Direito  
e à Justiça do Trabalho

Caros colegas,

Neste 20 de junho de 2016, Dia do Advogado Trabalhista, a Amatra1 preparou, com muito carinho, uma edição especial.

E quem melhor representa tão importante classe do que o agora saudoso Benedito Calheiros Bomfim?

Bomfim nos deixou, no dia 7 de maio, aos 99 anos, mas seu legado será eterno, como evidenciado nas homenagens que fazem parte desta edição.

Reunimos membros da família, como a desembargadora e filha Vólia Bomfim, os netos Érico e Bianca Bomfim – também advogada trabalhista; o desembargador e conselheiro do CNJ, Gustavo Tadeu Alk-mim; as desembargadoras aposentadas,

Aurora de Oliveira Coentro e Anna Acker; e a mais antiga advogada trabalhista do Rio, Moema Baptista.

Prestamos nossas homenagens a todos os colegas comprometidos com esta profissão e exaltamos a vida e trajetória de Calheiros Bomfim.

Boa leitura!

**Cléa Couto**

*Presidente da Amatra1*

## AMATRA INFORMA EXPEDIENTE

### Diretoria Amatra1

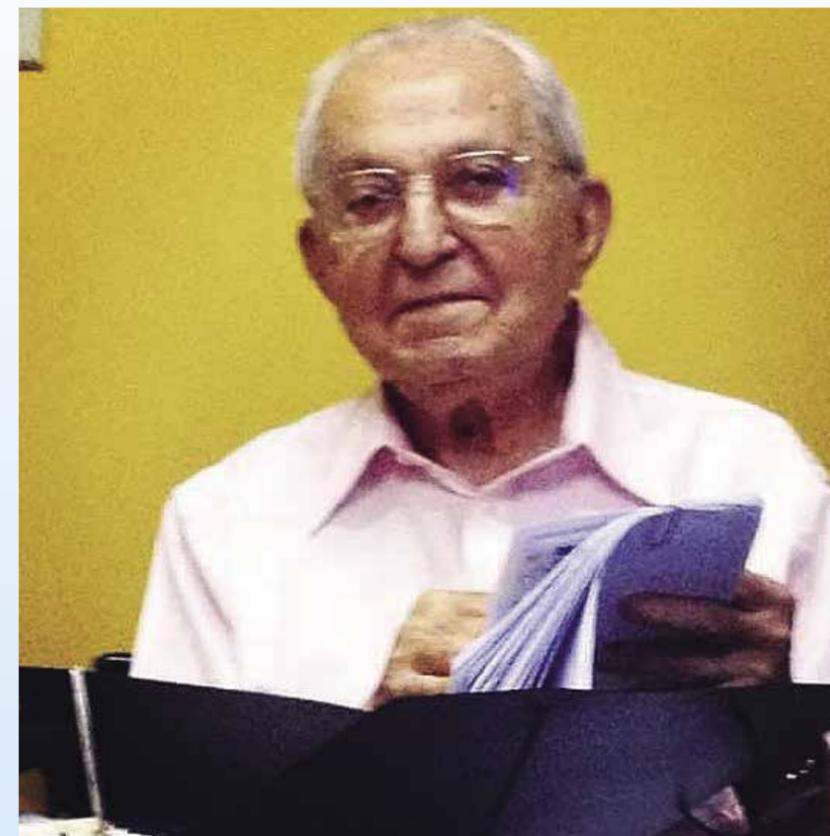
Presidente| Cléa Maria Carvalho do Couto  
1º Vice-Presidente| Ronaldo da Silva Callado  
2º Vice-Presidente| Cláudio Olímpio Lemos de Carvalho  
Secretário Geral| Lila Carolina Mota Pessoa Igrejas Lopes  
1º Diretor Financeiro| Fernando Reis de Abreu  
2º Diretor Financeiro| Paulo Rogério dos Santos  
1º Diretor Cultural| Anelise Haase de Miranda  
2º Diretor Cultural| Luciana Muniz Vanoni  
Diretor de Imprensa e Comunicação|  
Leonardo Almeida Cavalcanti  
1º Diretor Social| Adriana Freitas de Aguiar  
2º Diretor Social| Marcela Aied

Informativo da Associação dos Magistrados da Justiça do Trabalho da 1ª Região

Diretor Administrativo e de patrimônio|  
Jorge Orlando Sereno Ramos  
1º Diretor de Prerrogativas e Direitos|  
Raquel de Oliveira Maciel  
2º Diretor de Prerrogativas e Direitos|  
Patrícia Lampert Gomes  
Diretor de Aposentados e Pensionistas|  
Gloria Regina Ferreira Mello  
1ª Diretora de Cidadania e Direitos Humanos|  
Roberta Ferme Sivoiella  
2ª Diretora de Cidadania e Direitos Humanos|  
Daniela Valle da Rocha Müller  
Projeto Gráfico e Diagramação| Wagner Paula  
Redação| Joana Ferreira  
Tiragem| 400 exemplares



## CALHEIROS BOMFIM



Carioca de Advogados Trabalhistas (Acat); vice-presidente da Associação Brasileira de Advogados Trabalhistas (Abrat); e presidente do Instituto de Advogados Brasileiros (IAB).

Pela excelência de seus serviços, foi laureado com as medalhas do Instituto dos Advogados Brasileiros (Teixeira de Freitas) – uma das mais importantes do meio jurídico -, do Tribunal Superior do Trabalho, do Tribunal Regional do Trabalho e do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro.

A contribuição do advogado trabalhista não se esgotou em sua atuação profissional. Bomfim escreveu importantes obras que servem até hoje de bússola para

incansável defensor dos direitos trabalhistas e exemplo a ser seguido por juristas de todo o Brasil. É assim que Benedito Calheiros Bomfim deixa sua marca indelével na história da justiça e do direito do trabalho, no momento da despedida de tão importante figura que nos deixa aos 99 anos de uma vida dedicada à causa trabalhista.

Alagoano, nascido em 10 de outubro de 1916, foi na capital carioca que Bomfim formou-se em Direito pela Faculdade Nacional de Direito do Rio de Janeiro. Desde então, atuava diariamente no atendimento aos trabalhadores que a ele recorriam.

Dentre tantos relevantes cargos que ocupou, Bomfim foi membro da Academia Nacional de Direito do Trabalho; presidente da Associação

todas as gerações de juristas, como “Conceito sobre Advocacia, Magistratura, Justiça e Direito”; “A crise do Direito e do Judiciário”; e “Declínio do Neoliberalismo e Alternativas à Globalização”. Elaborado em parceria com Silvério Santos, “Dicionário de Decisões Trabalhistas” permanece como leitura indispensável àqueles que optam por trilhar o caminho da Justiça do Trabalho.

E é por sua trajetória profissional inestimável que a Amatra1 homenageia e se despede de Calheiros Bomfim com uma edição especial em comemoração ao Dia do Advogado Trabalhista.

Nas páginas que se seguem, juristas e familiares dão seus depoimentos destacando a importância de Bomfim em suas vidas.

## BOMFIM - O BOM COMEÇO DE UMA NOVA E DOCE ESTRELA NO CÉU

**T**riste não ser mais criança, quando acreditava que as pessoas queridas não morrem, voam para o céu. Ficava a olhar o firmamento, procurando identificar, ali, aqueles que se foram, dentre eles o meu amigo Bomfim.

Benedito Calheiros Bomfim é mais do que exemplo de jurista, professor e advogado. Sua trajetória de homem culto, generoso e solidário se identifica com todos os que se preocupam com os direitos humanos, em particular, com a melhoria das condições de vida da classe trabalhadora.

Como advogada trabalhista iniciante, sempre me preocupou e instigou a defesa dos trabalhadores rurais (inicialmente) e urbanos, atendendo-os nos Sindicatos ou assistindo-os nas Varas do Trabalho (então Juntas de Conciliação e Julgamento) e Tribunais.

Naquela ocasião, era indispensável a consulta diuturna ao Dicionário de Decisões Trabalhistas, por meio do qual Bomfim, com a colaboração do colega Silvério, deu suporte a tantos profissionais do direito no exercício de suas funções e que se socorriam da Jurisprudência ali competentemente pesquisada para fundamentar petições, recursos e sustentações orais.

Já naqueles longínquos anos oitenta, Bomfim era expoente de resistência na luta pela redemocratização do País, ao lado de figuras ilustres como

Haddock Lobo, Herman Baeta e Costa Neto. Os jovens advogados se entusiasmavam ao acompanhar as reuniões da OAB, na certeza de que a ética e a participação política em muito contribuiriam para a sua organização profissional e para o resgate do Estado Democrático de Direito.

E assim foi. A ditadura militar chegou ao fim e, a despeito das falhas na Lei de Anistia, líderes políticos retornaram do exílio, os sindicatos deixaram de ser perseguidos e o país seguiu seu curso até a promulgação da Constituição de 1988.

Em todos os fatos históricos acima, Calheiros Bomfim se fez presente. Sua contribuição foi além dos livros publicados e que já não focavam só os advogados, mas avançavam sobre reflexões políticas ("Declínio do Neoliberalismo e Alternativas à Globalização" - edição esgotada) e filosóficas ("Álbum de Pensamentos" - 2006)

Sempre disposto a participar de reuniões de advogados, congressos de trabalhadores e encontros de juízes, ele levava a todos a sua mensagem de crítica ao mundo globalizado e consumista - marcado pela violência da exclusão e miséria das camadas mais pobres da população - mas, ao mesmo tempo, empunhava a bandeira da esperança e luta por uma sociedade mais justa e menos desigual.

No final dos anos oitenta, ingressei na magistratura trabalhista e pude verificar, já de outra pers-

pectiva, a importância desse alagoano brilhante no campo jurídico e político. Sempre atencioso e delicado na formulação de seus pensamentos e coerente na exposição de suas convicções, mas sem que disso resultasse um átimo de prejuízo à firmeza com que as defendia. Como ele mesmo ensinava, "no debate é a ausência de razão e argumento que faz alguém apelar para a ofensa".

Bomfim foi companheiro e pai amoroso. Se orgulhava de Cely, a companheira que o acompanhou até fim da vida e de seus filhos, Luiz Carlos, Elizabeth e Volia - dois deles (Luiz Carlos, já falecido e Vólia), juízes do trabalho. Aos amigos, dentre os quais me incluo, dedicava sempre uma palavra de atenção e carinho. Ao me ver, seu cumprimento vinha acompanhado do mantra que me deliciava, "é preciso ter esperança e tenacidade para enxergar a luz da aurora na escuridão da

noite" (transcrito em seu "Álbum de Pensamentos").

Meu querido amigo. Você está fazendo falta. Estamos vivendo tempos difíceis, de um jeito diferente daqueles dos anos setenta, mas igualmente dolorosos para os que pensam o Direito, pela insegurança quanto ao futuro, permeada por sinais de intolerância e mesmo de ódio.

Mas a lembrança que temos de sua firmeza e doçura, por certo, nos ajudará a não desistir, a seguir em frente na busca de um mundo melhor e com maior qualidade de vida para o nosso povo. E olhando o céu, conseguiremos identificar uma estrela que nos remete a você e seu otimismo diante da vida, o amor pelo bom debate e a crença de que, após o escuro da noite, sempre surgirá o raiar do dia.

**Aurora de Oliveira Coentro**

*Desembargadora aposentada*

Conheça um pouco mais dos serviços oferecidos por empresas conveniadas à Amatra1:

### Venha conhecer a pousada Tucano do Cuiabá!



A pousada está localizada em Itaipava, Petrópolis. Conhecida como refúgio de inverno pelo seu clima agradável, a região abriga diversos restaurantes com refinada gastronomia e atrações diversas.

Os associados da Amatra1 e seus dependentes têm 15% de desconto em todas as diárias (finais e meio de semana), exceto pacotes de feriado - neste caso, o desconto será de 7,5%.

Sobre o total de despesa, será cobrado o adicional de 10% a título de taxa de serviços. A hospedagem inclui café da manhã.

Para saber mais sobre os serviços oferecidos, entrar em contato pelos telefones (24)99291-1003/(24)2222-5752 ou através do e-mail contato@pousadatucanodocuiaba.com.br

**\*\*A relação completa de convênios está disponível no site da Amatra1.**

Ninguém melhor que meu sobrinho descreveu tão bem meu pai, em seu post no facebook. Por isso, peço vênha para transcrever o texto feito por Érico Bomfim, que conseguiu falar de Calheiros Bomfim, não apenas como o grande jurista que foi, mas principalmente da pessoa humana que nos deixou.

**Vólia Bomfim**

*Desembargadora*

## MINHA HOMENAGEM AO VOVÔ

Faleceu, aos 99 anos de idade, meu avô Benedito Calheiros Bomfim, advogado alagoano trabalhista celebrado por toda a comunidade jurídica e, sobretudo, por aqueles que acreditam na construção de uma nova sociedade, fundada na fraternidade e na justiça. A importância de sua trajetória profissional e vida pública já é abundantemente comemorada em inúmeras homenagens que colheu em vida e que seguem surgindo depois de sua morte. Também por isso, opto por fazer uma homenagem absolutamente pessoal, selecionando aspectos da vida do vovô que o tornam uma de minhas maiores referências humanas.

Até mais de 90 anos de idade, o vovô pegava o metrô todo dia para trabalhar no seu escritório no Centro. A marca do seu cotidiano era o humor incondicional. Brincava constantemente com todos. Se parava para comprar uma empadinha de camarão, fazia sempre um apelo:

– Sem camarão, por favor.

– Mas sem camarão, senhor?! – respondia o vendedor perplexo.

– Tem camarão na empada?

– Bom, na verdade...

– Por favor, você vai me garantir que não tenha nenhum camarãozinho nessa empada, hein?

Depois de uns breves instantes, o vendedor percebia que o velhinho estava fazendo troça e caía na brincadeira:

– Não, o senhor pode ficar tranquilo, que eu garanto que não vai ter nenhum camarãozinho nessa empada!

Ao almoçar nos restaurantes do Centro, costumava perguntar se serviam capivara e ainda pedia um refrigerante ou suco “na pressão”. Quando pegava seus remédios diários, não deixava de oferecê-los a todos que estivessem à mesa, bem como aos garçons:

– Estão servidos?

Se tinha de pegar um avião, chamava a aeromoça apenas para perguntar:

– Por favor, este avião dá ré?

Ele não tinha nenhum problema em repetir a piada. Com o tempo, aprendemos a achar a mesma brincadeira cada vez mais engraçada conforme era repetida.

O vovô era uma fonte constante e inesgotável de bom humor. Só isso já garantiria que ele fosse uma criatura infinitamente amável. Mas o vovô era dessas pessoas que reúnem todas as mais diversas qualidades que se podem ter. Uma dessas qualidades eu lamento profundamente:



a modéstia, que fazia com que nós jamais soubéssemos das inúmeras e admiráveis histórias do vovô através dele próprio. Suas histórias eram invariavelmente relatadas por terceiros e eram sempre diminuídas por ele.

Como advogado trabalhista e comunista, o vovô fez uma opção profissional absolutamente ideológica: defender exclusivamente o trabalhador, jamais o patrão. Conta o seu sócio Silvério que, um dia, o vovô foi abordado por executivos da Shell, que lhe fizeram uma daquelas propostas que poderiam ser denominadas “irrecusáveis”.

– Senhor Bomfim, nós gostaríamos de solicitar os seus serviços.

– Eu agradeço pelo interesse, mas, infelizmente, terei de recusar. Eu só faço empregado – respondeu o vovô.

– Senhor Bomfim, o senhor não está entendendo... Dinheiro não é problema. Diga um valor!

– É o senhor quem não está entendendo. Não se trata...

– Diga um valor! – interrompeu o executivo – Nós estamos dispostos a pagar!

De acordo com o Silvério, um dos representantes da Shell, nesse momento, abriu uma mala cheia de dinheiro. Cena de filme. Foi quando o alagoano perdeu a paciência e enxotou os executivos do escritório. Segundo o vovô, porém, nunca houve nenhuma mala de dinheiro. Esse seria um exagero. Eu mesmo nunca vi meu avô contar e nem sequer se referir ao caso.

Recentemente, apareceu no escritório do vovô – e no qual trabalham meus irmãos, Bianca e Vinícius Bomfim – um trabalhador que trazia ainda outra história. Emociona-

do, ele contou a meu irmão que o vovô havia sido o único advogado que aceitara o seu caso durante a ditadura. Nenhum advogado aceitava. Consideravam que a vitória seria impossível, ainda mais dado todo o contexto de exceção.

O trabalhador chegou a oferecer honorários acima do regular ao vovô, na tentativa desesperada de fazer com que esse último advogado aceitasse o caso. Convencido pelo trabalhador, o vovô pegou o caso. E venceu. Na hora de receber os honorários, o vovô desfez o combinado e só aceitou receber os honorários regulares, nenhum tostão acima. Não fosse esse trabalhador aparecer como visto no escritório décadas depois, essa seria mais uma história que teria morrido com o vovô.

Autor do primeiro dicionário de decisões trabalhistas do Brasil, seu livro era obrigatório para todo advogado da área. Meu pai sempre me dizia:

– Seu avô podia ter ficado rico.

Além do seu dicionário comprado por tudo que era advogado, o vovô ainda tinha uma editora. A faca e o queijo. E, no entanto, o vovô não só conseguiu não ficar rico, como ainda por cima, faliu a editora! Não bastava defender o trabalhador: o vovô tinha também que encarnar uma espécie de burguês às avessas.

Tendo vivido até os 99 anos, o vovô era realmente duro de matar. Em verdade, esta foi a segunda vez que o vovô morreu. A primeira foi quando ele não pôde ir a uma assembleia de moradores no morro do Turano, para a qual ele havia confirmado presença. Tudo que se sabe é que assassinaram um homem naquela assembleia e acreditou-se que houvesse sido o vovô, cuja morte foi anunciada nos jornais. Especula-se que a morte do vovô pudesse ter sido a encomendada e que o homem tenha sido assassinado “por engano”. Essa é uma das poucas histórias que o próprio vovô conta, mas seu relato em geral se limitava à piada com o fato de ele ter sido informado da própria morte pelo jornal.

– Ih, vejam só, morri! – contava.

Não faltam também histórias mais leves. Uma delas se deu quando um militar visitou o escritório do vovô durante a ditadura. Ao ver o homem fardado à porta, o vovô não teve dúvida. Pede uns momentos ao milico e foi se despedir do sócio num clima austero:

– Silvério, avise à minha mulher que estou sendo levado. É isso. Mande meu carinho a todos. Adeus, Silvério.

Retornou ao milico e disse:

– Pois não, vamos indo.

Ao que o milico retrucou, confuso:

– Vamos aonde, senhor Bomfim?! Eu só vim para uma consultoria!

Todas essas histórias integram uma trajetória coerente de luta pela classe trabalhadora e junto aos líderes e lutadores da esquerda. Membro do PCB, o vovô fez parte da junta de advogados que defenderam Luís Carlos Prestes. Recentemente, meu tio Tuca, que fez parte da resistência à ditadura, relatou como que o vovô foi responsável por

sua soltura, através de Habeas Corpus, quando os militares o prenderam ilegalmente após a anistia.

Também foi através do vovô meu primeiro contato com a Revolução Cubana. Ele havia visitado a ilha por ocasião de um congresso e, quando eu ainda era um adolescente, contou-me como que a visita a um presídio cubano o comovera.

– Os presos todos se profissionalizavam em diversas áreas e trabalhavam, recebendo também um salário – dizia.

Eu pedi para ele repetir a história semanas depois e fiquei satisfeito de perceber que ele apreciou meu interesse.

Como bom comunista que era, o vovô era também um ateu convicto. Mesmo aqui a sua generosidade transparecia:

– É muito cruel argumentar obstinadamente contra uma pessoa que tem fé, ainda mais quando ela construiu toda sua vida baseada naquela fé. É como se a gente lhe tirasse completamente todo o chão, toda sua razão de viver – eu o vi dizer mais de uma vez.

É apenas aqui, no que tange à religiosidade, que eu discordo do vovô. Diferente de meu avô, não posso acreditar que um espírito como o dele possa ser lapidado em uma única existência.

A maior marca de sua vida foi sua abnegação e generosidade. Certa vez, o vovô virou-se para mim casualmente e disse que tinha visto uma frase que lhe tinha chamado a atenção:

– “Vivemos com o que ganhamos, mas marcamos a vida com o que damos.”

Eu confesso que, naquela ocasião, não achei a frase tudo aquilo. E sequer era de Marx ou Lenin, mas sim de Churchill! Ainda assim, a frase chamou mesmo a atenção do vovô, que a repetiu em outra circunstância. Hoje eu acho que compreendo um pouco melhor que essa simples frase de fato sintetiza com perfeição o que foi a vida do vovô: uma vida inteira de entrega e serviço à humanidade.

Benedito Calheiros Bomfim, presente!

Adeus, papai, seguirei seus ensinamentos...

Adeus, papai, seguirei seus ensinamentos!

**Érico Bomfim**

*Bacharel, mestre e doutorando em música pela UFRJ*



## SUAVE NA FORMA E FIRME NO CONTEÚDO

Calheiros Bomfim foi profundo estudioso da advocacia – e a exerceu com denodo por décadas. Relatou em minúcias as agruras e os desafios da profissão, o relacionamento com a magistratura e a evolução profissional. Lutou sempre pelo prestígio e respeito da classe. Pretendeu destacar a importância social de sua atividade e despertar nos jovens advogados a paixão pelo ofício.

Afirmava, sempre que tinha oportunidade, que o

advogado não deveria ser um agente desconectado das questões sociais, mas um profundo conhecedor e estudioso de suas mazelas.

Pretendia combater o aviltamento dos honorários e a exploração desenfreada da mão de obra dos novos advogados que se submetem a qualquer condição precária imposta na busca da primeira oportunidade de trabalho; objetivo ainda tão distante de ser alcançado.

A vida não lhe podia ser plenamente feliz, pois, como afirmava, não teria direito de ser feliz enquanto, em seu redor, houvesse pessoas vivendo em estado de miséria, em situação indigna, submetendo-se, por vezes, à extrema exploração.

No entanto, sabiamente, conseguia tornar a vida mais leve com seu bom humor e na incansável missão de arrancar uma risada de seu interlocutor.

Pôde também torná-la mais plena ao sustentar a sua luta pela defesa dos desfavorecidos, tratando com maestria dos embates entre capital e trabalho. Sentia-se realizado, com a atenção dos familiares, o respeito dos colegas e a estima dos amigos.

Tinha fé. Uma fé inabalável na luta, no bom combate de que só sendo um instrumento de transformação social, sua vida faria sentido.

Tinha fé em uma sociedade solidária e em uma vida de paz e justiça.

Deixa este exemplo de um homem apaixonado pela vida, inabalavelmente curioso e participativo,



que teve a tranquilidade de receber o reconhecimento profissional e significar a sua vida a partir de suas lutas.

Tive a honra de tê-lo como avô que, nesse papel, além de todos os exemplos que passou, era doce, terno e brincalhão, transmitindo a sua paixão pela advocacia e entregando a doce, mas desafiadora missão de seguir seus passos.

Ao perder precocemente meu pai, foi meu avô quem disse: “Perdemos um amigo”.

Agora, quando soube de sua partida, veio logo ao

meu pensamento ter perdido mais um amigo.

Deixa ele a missão de que devemos prosseguir na sua incansável luta por uma sociedade mais justa e solidária.

“Há homens que lutam um dia e são bons/ Há outros que lutam um ano e são melhores/ Há aqueles que lutam muitos anos e são muito bons/ Porém há os que lutam toda a vida/ Esses são imprescindíveis.”, nas palavras de Bertold Brecht.

Perdemos, sem dúvida, um homem imprescindível, mas permaneceremos unidos, no combate contra o cenário de grandes retrocessos sociais que se apresenta, pois como ele nos ensinou:

“Os homens tal como varas, separados, isolados, são frágeis; quando juntos, unidos, tornam-se resistentes, uma força quase inquebrantável.”

Assim, fica a sua lição para que não desanimemos: “O fato de homens de grande estatura moral e política terem lutado e morrido sem ver concretizado o mesmo ideário que adotamos, longe de justificar o abandono de nossa esperança, deve servir de exemplo e alento à continuação do caminho que escolhemos.”

Sigamos, unidos, a sua luta sempre “suave na forma e firme no conteúdo”.

### Bianca Bomfim

*Advogada trabalhista e sócia do escritório Calheiros Bomfim advogado*

## UM GURU



Estávamos na década de 70 quando tive o privilégio de ir conhecendo alguns que, depois constatava, serem ícones, ao mesmo tempo que exemplos da advocacia trabalhista, não só carioca, como nacional.

Entre eles destaco nosso querido BOMFIM. Era dessa forma que nós, aqui no Rio, o tratávamos. No restante do Brasil, a maioria o chamava de Calheiros.

Desde a primeira aproximação, nutri por ele imenso carinho e respeito. Não conheci sua primeira mulher, a Mariazinha que lhe deu o filho, falecido prematuramente, nosso Luiz Carlos. Entretanto, tive o privilégio de conhecer a 2a., nossa amada Celi, uma pessoa fantástica, que, além de fazer um trabalho social magnífico, a todos acolhia e, sempre que precisávamos, nos colocava no colo. Ela nos brindou com as queridas filhas Elizabeth (que deu continuidade ao trabalho social exercido por ela) e Vólia. Quanta falta ela nos faz.

Sobre o Bomfim, impossível relatar tudo que se passou nessas mais de 4 décadas de convivência.

Entretanto, uma coisa da qual tenho o maior orgulho foi dele ter aceito ser meu sucessor na Presidência da ACAT- Associação Carioca dos Advogados Trabalhistas. Como diz um Amigo meu. FOI UM LUXO.

Bomfim era daquelas pessoas que tornava o mundo melhor. Fosse com uma palavra, um gesto, mas sobretudo com seus exemplos, que acho sempre ser a melhor forma de ensinar alguém. Não com discurso, mas sim com exemplo. Essa era sua forma de ser.

Aliás, por falar em discurso, na minha última comemoração de aniversário a qual ele compareceu fez uma fala que tocou, não só o meu, mas o co-

ração de todos os presentes. ASSIM ERA NOSSO GURU.

Foi pelas suas mãos que cheguei ao IAB no ano de 1993.

Tive muitíssimos momentos com Bomfim, mas quero destacar que, por último, escolhi estar ao lado dele na noite fatídica de 17 de abril do corrente, quando o Brasil, através da sua câmara federal, resolveu votar o processo de impeachment. Lembrei, sem entrar no mérito, que faria parte da história. Assim o fiz. SINTO-ME UMA PRIVILEGIADA.

Muitas passagens engraçadas temos sobre Bomfim que era de um humor sem igual.

Quem não se lembra da sua preferência pelo whisky “dietético”?

Sempre contava que tinha mais idade do que na realidade. Quando estava com apenas 60 e poucos anos, dizia que tinha mais de oitenta. As pessoas duvidavam, mas ante a seriedade e respeito que ele impunha, chegavam a duvidar... Denominávamos suas graças de “bomfinadas”.

Importantes registros nos deixou quando dos 70 anos da CLT com depoimentos de quem viveu o momento.

Deixo um registro que gosto de realçar. Foi inscrito na OAB/RJ sob o número 1943. Coincidentemente (?), mesmo ano da nossa CLT.

Jamais poderemos esquecer do quanto se dedicou ao aprimoramento do direito, mas sobretudo ao do trabalho.

Durante décadas, organizou o Repertório de Jurisprudência Trabalhista junto com o eterno sócio e parceiro Silvério dos Santos - destacando que era uma época de difícil acesso a tudo isso. Era o denominado “Dicionário de Decisões Trabalhistas” que proporcionou a nós, militantes na Justiça do trabalho, o acesso a uma fonte idônea de consulta.

Lamentando que não tenha completado seu centenário em nossa companhia, agradecerei sempre por todo o tempo que esteve entre nós.

BOMFIM SERÁ ETERNO DENTRO DE CADA UM DE NÓS QUE O CONHECEU E AMOU.

BENEDITO CALHEIROS BOMFIM, PRESENTE !!!

### Moema Baptista

*Advogada Trabalhista e primeira mulher a presidir a ACAT*

## DESPEDIDA

Poucos vivem quase 100 anos. Poucos estão lúcidos aos 99 anos e 7 meses de vida. Poucos, muito poucos, se mantêm coerentes com seus ideais e seus princípios ao longo de quase um século de vida. E são raros os que, neste quase século, se dedicam a um trabalho, e crêem nele, por mais de 70 anos.

Benedito Calheiros Bomfim foi destes poucos. Por isso, fez história. O dia de sua morte ficou encantado – a crer na fala de Guimarães Rosa. E a Justiça do Trabalho e o Direito do Trabalho ficaram mais pobres, e nós mais tristes.

A trajetória de Calheiros Bomfim é singular: sujeito discreto, sempre foi referência, uma permanente citação; intelectual de cultura invejável; advogado como poucos, daqueles que dão tranquilidade ao juiz, pois chicana dali não sairia. Um pensador para quem desigualdade se iguala com tratamento desigual, o que justifica a existência de um direito do trabalho.

Defensor incansável dos direitos dos advogados; defensor incansável de Direito do Trabalho que realmente protegesse o trabalhador; defensor intransigente do Estado Democrático de Direito. Destacou-se pela militância na advocacia, e fez dois filhos juízes.

Em tempo que sequer cogitávamos da existência do google, a principal fonte de jurisprudência era o seu Dicionário de Decisões Trabalhistas, criteriosa seleção feita em parceria com o amigo Silvério dos Santos. O tempo passou, as tecnologias mudaram o mundo, mas o lucro do capital continuou impedindo, renitente – não por acaso, Calheiros Bomfim continuava atuante, alertando para os riscos do desmonte do Direito do Trabalho, em um cenário em que muitos apregoavam a flexibilização dos direitos trabalhistas.

Escrevia, militava e advogava sem parar. Quando o encontrava, eu olhava para ele como se estivesse

diante de um monstro sagrado, e não me cansava de ficar espantado com a sua modéstia e simplicidade.

Meu tio, Ivan Alkmim, era dos seus melhores amigos - amigos fraternais, de copo, de bar, de luta, da OAB, do IAB, de debates intermináveis, de troca de ideias. Uma amizade rompida pelo incontrolável Mal de Alzheimer que levou meu tio um pouco antes da hora. Ultimamente, quando me deparava com Bomfim, recebia dele um abraço apertado, como se ele estivesse abraçando o velho amigo. Aquilo me comovia, e não custava ele quebrar o gelo para me repassar um texto seu, ou me recomendar alguma publicação recente, fruto de uma cabeça pensante que não se acomodava.

Bastaria isso para me deixar mais triste, porém a perda deixa mais – deixa o gosto amargo de uma certeza: personalidades da altivez e competência de Calheiros Bomfim não encontramos em cada esquina.

Por outro lado, há que se sorrir por conta do seu legado, ou seja, a sua própria história, que se confunde com a história da Justiça do Trabalho, em especial a do Rio.

Deixa um exemplo a ser espelhado; deixa passos a serem seguidos. Daí, sua eternidade; daí, sua ausência implicará sempre na sua presença. Como as ausências de Délio Maranhão, Paulo Cardoso, Had-dock Lobo, Arnaldo Sussekind, e outros.

São ausências que trazem algo de irreal e paradoxal – como disse o jornalista Arthur Dapievie num recente artigo: “Paradoxo: elas continuarão presentes para todo o sempre. O nosso sempre”.

No nosso mundo do Direito do Trabalho, Benedito Calheiros Bomfim estará sempre presente. E em tempos sombrios e bicudos como os atuais, esta presença se fará mais que necessária.

**Gustavo Tadeu Alkimim.**

*Desembargador e Conselheiro do CNJ*

## Carta aberta à comunidade trabalhista

Caros amigos,

Na véspera do Dia das Mães deste tumultuado ano de 2016, precisamente a 07 de maio, morreu Calheiros Bomfim, o patriarca da advocacia trabalhista entre nós. Não há quem não conhecesse, no meio forense carioca, esse alagoano a um tempo tranquilo e espirituoso que elegeu o Rio para viver e trabalhar.

Pois é a esse ser humano que me refiro, alguém que conheci nos anos 50 e que sempre me chamou a atenção. Bomfim era então, ao mesmo tempo, causídico que só advogava, no foro laboral, para trabalhadores; morador do bairro de Santa Teresa; e membro do Partido Comunista do Brasil, hoje dito “Partidão”.

Tínhamos, pois, três características que nos aproximavam. Também eu, à época já formada, pertenci à ala dos advogados “esquerdistas”, pois integrava o escritório de Sinval Palmeira, então patrono de Prestes; também eu morava em Santa Teresa, onde residi de 1953 a 2003; e, para coroar tudo, Frank, meu marido, militava, com Bomfim, no mesmo partido e pertenciam ambos, até, à mesma “Organização de base”, nome atribuído, então, às antigas “Células”. Daí minha percepção, quiçá mais abrangente que a de outros, do nosso saudoso amigo.

Assim foi que, como profissional da mesma área, utilizei, como todos, repetidamente, seu “Dicionário de Decisões Trabalhistas” e li muito do que escreveu, incitando, sobretudo os mais jovens, à defesa da ética.

E como Juíza do Trabalho, tive o prazer de tê-lo

nas audiências, sempre cortês e bem-humorado, mas incisivo na defesa de suas teses.

Também como morador do bucólico bairro em que vivíamos, partilhando do transporte de seu tradicional “bondinho”, conheci-lhe a residência do Vista Alegre, partilhada com sogros, cunhados e com seu filho, futuro brilhante Juiz do Trabalho, então menino, cuja mãe, “Mariinha”, estava à época internada em estabelecimento hospitalar, fora do Rio. Bomfim, comentava-se, visitava ali, toda semana, a esposa, até seu falecimento; e foi sempre perfeito seu relacionamento com a família que passou a ser sua, embalada pela magistral figura de sua sogra Zoila Teixeira, também do “Partidão”. Mais tarde, vi-o casar-se pela segunda vez. E fui amiga de sua nova esposa, que organizou, no bairro, uma escola infantil que, meninas pequenas, as duas filhas do casal frequentaram por algum tempo, com as minhas.

Finalmente, como comunista, vi-o viver com tanta autenticidade e coerência a filosofia política que o alimentava, que nem mesmo os mais intollerantes adversários de seu pensar ousaram jamais contestá-lo pelo que era, pelo que fazia, pelo que pensava.

Assim, pois, eu vejo Bomfim. Como aconselhava Guevara, jamais perdeu a ternura, que é o apanágio dos que amam, mais que os seres humanos, a humanidade inteira. Fica a esperança de que, um dia, possamos ser, todos, assim, como ele foi...

**Anna Acker**

*Desembargadora aposentada*



Acesse:  
[www.amatra1.com.br](http://www.amatra1.com.br)

Avenida Presidente Wilson, 228 - 7º andar - Centro  
Rio de Janeiro - RJ  
Telefone: (21) 2240-3488